

# A INFÂNCIA NO CONTEXTO DA OBRA DA USINA HIDRELÉTRICA – UHE DE BELO MONTE

Léia Gonçalves de Freitas\*  
Vitor Sousa Cunha Nery\*\*

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as infâncias no contexto da obra da Usina Hidrelétrica-UHE de Belo Monte, com vista a compreender de que forma as crianças vivenciam seu cotidiano sociocultural a partir das mudanças sofridas em seus modos de ser e estar em diferentes *lugares*, em função do reordenamento urbano, que está acontecendo no município de Altamira<sup>1</sup> no estado do Pará. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, apoiada em narrativas infantis. As técnicas observação e atividades lúdicas como brincadeiras e desenhos, foram utilizadas a fim de compreender os modos de ressignificar a vida das crianças no acesso a diferentes pessoas e espaços de vivências convencionadas pelas condicionantes da UHE de Belo Monte, especialmente nos bairros que surgem para os chamados “remanejados” de UHE Belo Monte. Neste interim, nos interessou saber como as crianças “remanejadas” vivenciam a plasticidade, criatividade, convivência e experiência de infância no ambiente (social e institucional) pensado/planejado nos bairros de reassentamentos construídos pela UHE de Belo Monte? Os resultados alcançados nos indicaram que: 1) as crianças remanejadas vivem um cotidiano sociocultural emaranhado por costumes e valores regionais que misturam vida real com vida imaginária; 2) que no reassentamento urbano – RUC Jatobá suas vivências infantis foram modificadas negativamente em função dos novos arranjos espaciais e da mudança de seu grupo social e familiar, e; 3) que suas experiências, criatividade e plasticidade de infância altamirense foram alteradas e demudadas o que impactou sobremaneira nas produções culturais.

Palavras-chave: Infância. Produção Cultural. Cultura. Altamira. Belo Monte.

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará – UFPA, Mestre em Educação, Linguagens e Tecnologias (UEG – Anápolis) e professora do Campus Universitário de Altamira – UFPA. E-mail: leiafreitas@ufpa.br

\*\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará – UFPA, Mestre em Educação (UEPA/PUC-RIO) e professor da Universidade do Estado do Amapá – (UEAP) – E-mail: vitor.nery@ueap.edu.br

<sup>1</sup> Cidade que enfrenta problemas sociais graves no que se refere à pobreza, baixa-escolaridade, carência estrutural de políticas públicas de saneamento básico, fatores que concorrem para o aprofundamento das desigualdades sociais e põem em evidência as demandas da infância altamirense no que diz respeito às ações necessárias ao atendimento das crianças previstas nas políticas em favor da infância (PINHO, 2014).

## LA NIÑEZ EN EL CONTEXTO DE LA OBRA DE LA USINA DE HIDROELECTRICA – UHE DE BELO MONTE

### RESUMEN

Este artículo pretende análisis de la niñez en el contexto de la obra de la Usina de Hidroeléctrica de Belo Monte, con objeto de comprender la forma que los niños vivencian su cotidiano sociocultural a partir de las mudanzas sufridas en sus modos de ser y estar en diferentes lugares, en función del reordenamiento urbano, que ocurre en el municipio de Altamira<sup>1</sup>, estado de Pará. Se trata de una investigación cualitativa, basada en los cuentos infantiles. Actividades de observación técnica y recreativas como juegos y dibujos se utilizaron con el fin de comprender las formas de reformular las vidas de los niños en el acceso a diferentes personas y los espacios de acuerdo en las experiencias por las condiciones HPP de Belo Monte, en los barrios que surgen para los llamados “reassignados” de la UHE de Belo Monte. Entretanto, nos hemos interesado saber ¿Cómo los niños “reassignados” vivencian la plasticidad, creatividad, convivencia y experiencia de la niñez en el ambiente (social e institucional) pensado/planeado en los barrios de reasentamiento construidos por la UHE de Belo Monte? Los resultados alcanzados nos han indicado que: 1) los niños reassignados viven un cotidiano sociocultural enredado por las costumbres y valores regionales que mezclan la vida real con la vida imaginaria; 2) que en reasentamiento urbano – RUC Jatobá sus vivencias infantiles han sido cambiadas negativamente en función de los nuevos arreglos espaciales y del cambio de su grupo social y familiar, y; 3) que sus experiencias, creatividad y plasticidad de niñez altamirense fueran cambiadas y demudadas, lo que ha impactado muy en las producciones culturales.

Palabras-claves: Niñez. Producción Cultural. Cultura. Altamira. Belo Monte.

### INTRODUÇÃO

As crianças de Altamira, especialmente as que viviam nos bairros São Sebastião e Aparecida, têm seus quintais aquáticos e terrestres invadidos pelas águas da hidrelétrica. A invasão do lugar cria uma situação de migração para as crianças e suas famílias que precisam se mudar e criar outros modos de vida. Essas crianças são colocadas em casas (espaços) compulsoriamente, tendo de buscar mecanismo de adaptação. Nisso, elas precisam dialogar com as diversas realidades culturais, as que eram tradicionais e as novas, que lhes apresentam. É certo que, nesse processo, elas recriam sentidos e significados nos seus fazeres de infância que as ajudam a se construírem como crianças.

Por conta disto, questionamos: como as crianças “remanejadas” vivenciam a plasticidade, criatividade, convivência e experiência de infância no ambiente (social e institucional) pensado/planejado nos bairros de reassentamentos construídos pela UHE de Belo Monte? O interesse por esta pesquisa adveio primeiramente das experiências enquanto docente da Faculdade de Educação de Altamira (UFPA), onde desde 2003 desenvolvemos um trabalho pedagógico com a disciplina Estágio Supervisionado em ambiente escolar e não escolar. Por meio dos Estágios em ambiente não escolar, temos acompanhado práticas educativas e o cotidiano de crianças e instituições públicas, privadas e Organizações não Governamentais (ONGS) nos bairros periféricos da cidade, mas, especialmente nos bairros onde estão sendo impactados diretamente pela construção da UHE de Belo Monte. No projeto de monitoria desenvolvido pelos nossos alunos em 2015, intitulado *Constituindo saberes docentes como estratégia para a melhoria da qualidade do ensino* os estudos foram aprofundados no bairro São Joaquim; em 2016, os bairros contemplados foram Laranjeiras e Jatobá, em virtude da aprovação do projeto de Monitoria 2016, *Educação em Direitos Humanos no Curso de Pedagogia: práticas docentes e aprendizagens significativas*, e o ingresso dos autores deste artigo no curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal do Pará, Campus de Belém.

Em relação ao campo de pesquisa, selecionamos dois bairros do universo levantado na problemática deste projeto, a saber: Jatobá e Laranjeiras. O Jatobá, bairro periférico do município de Altamira, foi o primeiro loteamento planejado pela Norte Energia com o maior número de famílias remanejadas. Em tese, este bairro seria o piloto para a implementação dos outros quatro. Nele, as famílias teriam à sua disposição, instituições escolares e demais espaços educativos e de lazer, que corresponderem às expectativas das famílias, das crianças e adolescentes destinatários das políticas sociais, tais como: instituições de atendimento biopsicossocial, organizado com infraestrutura e pessoal necessário para atender à demanda das famílias remanejadas; além de saneamento básico, rede de esgoto, água e posto de saúde. Foram ainda previstos espaços para atividades recreativas e de lazer para as crianças, os quais permanecem ainda em projetos.

O segundo bairro, por se tratar do último loteamento implantado em Altamira pela Norte Energia, e receber o menor número de famílias, possui uma infraestrutura bem melhor que a do bairro Jatobá, contando com uma rede de saneamento básico em melhor estado. Nele, foi iniciada a construção de um posto de saúde e foi prevista a construção de uma escola e área de recreação, no início de 2016, para atender à comunidade local.

Nestes bairros, buscamos analisar os impactos das mudanças ocorridas para a ressignificação da infância para as crianças, pois, temos percebido que as crianças têm vivenciado e protagonizado valores e sentidos que lhes marcam nas suas identidades, processos de autoconhecimento e ressignificação da vida, visto que são de um pertencimento, ou seja, de um mundo repleto de valores

e sentidos, historicamente produzidos e socialmente marcados desde antes delas nascerem e, ao nascerem e se desenvolverem, marcam com suas autorias e modificações as suas culturas e os modos de ser.

Em relação aos sujeitos da pesquisa, foram treze crianças do RUC Jatobá que participam de práticas educativas institucionalizadas ou não, visto que, para nós as crianças são sujeitos culturais que criam modos de agir, de lidar com situações, de viver, de se apresentar. Expressam na e pela sua infância suas histórias, suas experiências, suas crenças e seus valores. Contudo, em Altamira – PA, as crianças enfrentam problemas sociais graves no que se refere à pobreza, baixa-escolaridade, carência estrutural de políticas públicas de saneamento básico, fatores que concorrem para o aprofundamento das desigualdades sociais e culturais, pondo em evidência demandas que necessitam de ações institucionais para o atendimento e a proteção, previstas nas políticas em favor da infância.

Como podemos observar, esta pesquisa está situada nos estudos da infância, ou melhor, infâncias, devido sua diversidade, que devem ser pensadas a partir dos processos humanos na interação do sujeito com as múltiplas dimensões do meio ambiente e da sociedade, com vistas a compreender o sujeito por meio da complexa rede de relações formada por pessoas, lugares, tempo, atividades, papéis e instituições, mediadas por normas, crenças e valores do grupo social aos quais os sujeitos estão inseridos, possibilitando-nos capturar os muitos fios tecidos na construção sociocultural do cotidiano infantil (KRAMER, 2007)

## **INFÂNCIA E NARRATIVAS: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS REMANEJADAS<sup>2</sup> EM ALTAMIRA – PA**

Uma das formas de conceber e de abordar as infâncias é a relacionada ao imaginário social dos sujeitos, isto é, quando a ênfase recai sobre o caráter simbólico da atividade cotidiana dos sujeitos que partilham uma mesma condição ou experiência social. Nesta acepção, os sujeitos exprimem em suas ações o sentido que dão a sua experiência no mundo social, servindo-se dos sistemas de códigos e interpretações fornecidos pela sociedade e projetando valores e aspirações sociais na vida cotidiana (KRAMER, 2007).

---

<sup>2</sup> O processo de remanejamento é um trabalho de realocação em bairros construídos pela empresa Norte Energia S.A, empresa responsável pela instalação, construção, operação e manutenção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, junto às famílias que residem nos pontos identificados pelos estudos de impacto como limite aceitável de segurança, denominado de cota 100. Esses bairros foram denominados de Jatobá, São Joaquim, Água Azul, Casa Nova e Laranjeiras.

Em relação à vida cotidiana, Bakhtin (2004) afirma que os processos de sua produção e a construção dos saberes envolvem as dimensões cognitivas, afetivas e sociais, produzindo e determinando comportamentos estabelecidos coletivamente. Tais saberes provocam alterações e mudanças como o reflexo de conflitos e as dificuldades e impasses que podem ser percebidos nas ações e vozes que narram vivências diárias de sentimento de pertença a lugares diferentes. Isto foi evidenciado nas narrativas de memórias infantil de (W.T.R) de dez anos de idade, ao relatar que:

era muito divertido morar no açaiçal, tinham muitos amigos e ia sempre ao rio Xingu. Lembro-me dos passeios que fazia com minha família no cais da cidade e, isso hoje se tornou muito difícil, pois para ir toda a família precisamos pagar um taxi e quase nunca tem dinheiro disponível.

A mudança de lugar alterou a rotina e as produções culturais de (W.T.R) e isto impactou sobremaneira seu cotidiano, pois a vivência, neste novo lugar, exigiu destaciança aquisição de novos comportamentos, ideias, hipóteses e ações para desvendar o “indesvendável”: o novo. Além disso, foram criadas necessidades de consumo novas, conforme citado no ‘gasto com táxi’.

Novas práticas culturais tiveram de ser desenvolvidas, novas linguagens também. Para Demartini (2001, p. 41), isso ocorre “porque não existe uma única, [...] e sim diferentes infâncias, resultado de realidades que estão em confronto”. Logo, a infância se faz e refaz em *lugares* permeados por um ambiente sociocultural, caracterizado por fatores materiais e não materiais pautados em valores que nem sempre são os mais aceitáveis para os sujeitos, porém cria possibilidade de protagonismo infantil, expresso na/pela plasticidade, criatividade, convivência e experiência de infância nos mais diversos modos de ser e agir diariamente.

Em que pese às relações culturais em Altamira– PA, estas têm sido marcadas por uma complexidade de entendimentos que tem provocado prejuízos às populações que vivem na localidade pesquisada, em sua grande maioria sem condições dignas humanas. Esses prejuízos perpassam toda a situação de vida desses sujeitos que quase sempre são “expulsos” de seus “lugares” sem nenhuma situação real de vida melhor.

Percebemos, a partir da realidade deste município, que preciso ainda estudar mais sobre o assunto, pois, se não houver uma preservação da história dessas famílias, a diversidade cultural que tanto contribui para o fortalecimento da cultura “tipicamente paraense” (LOUREIRO, 1995), segundo Benjamim apud Alves (2007), pode ir aos poucos morrendo, haja vista que na região há precário registro escrito sobre sua história cultural, mais especificamente, quanto à temática em questão: infância e cultura.

Destacamos aqui as vivências comunitárias. Ao narrar sobre sua infância, (P.A.S.S) de onze anos, afirmou “que sente muita falta do Baixão e que não gostaria de ter saído de lá, lembro-me das festas de Natal, ano novo e outras em que os vizinhos juntavam suas ceias e as famílias comemoravam

juntas.”

O momento em que passam as crianças altamirenses é crucial, elas foram violentamente impactadas, gerando assim rupturas sociais e culturais. Todavia, lembramos que é preciso acabar com o “mito da consistência cultural” (DUBAR, 1997), que circula no meio local. Isto tem exigido das pesquisadoras olhar aguçado para duas questões que se entrecruzam e nos falam para caminhar no sentido de compreender as infâncias das crianças remanejadas: primeiro, o da compreensão de *cultura*, refletida por Canclini (2000) como mote da modernidade; segundo, *de infância*, discutida por Kramer e Leite (1998) como multifacetada, com ritos, especificidades, complexidades, direitos a diferença cultural, simbologias, ideologias e histórias que marcam e demarcam territórios e lugares, que criam e recriam modos de pensar, de ser, de agir, de viver, enfim, de ser criança (KRAMER; LEITE, 1998).

Concordamos com Vasconcellos e Sarmiento (2007, p. 9) que devemos valorizar as expressões utilizadas por essas crianças que interagem com seus outros sociais, “ouvindo-as e vendo-as como sujeitos pertencentes e produtores de lugares e de culturas”. E, é no interior desses complexos modos de organização e produção cultural que a infância passa a adquirir nítidos contornos na medida em que é construída, destruída (muitas vezes) e reinventada. Tal processo acontece, não raras vezes, em uma espécie de invisibilidade, como se “uma segmentação da vida em etapas e a própria ideia de infância sejam admitidas como ‘naturais’, como uma espécie de fatalidade biológica e não como um artefato social” (VASCONCELLOS; SARMENTO, 2007, p. 10).

Em Altamira, atualmente, no momento de construção da UHE de Belo Monte, projeto que vem na esteira da modernidade, o pressuposto central é a superioridade civilizatória com prerrogativas eurocêntricas. Nesse sentido, as populações que não comungam desse mandato eurocêntrico são consideradas atrasadas. Os elementos configurativos do mito que engendra a modernidade, de acordo com Dussel (1993, p. 239), são “uma autocompreensão de uma superioridade civilizatória [...] que implicaria moralmente no desenvolvimento dos mais primitivos, rudes e bárbaros. Esse [...] processo civilizador dever-se-á exercer uma violência legítima, se necessário for [...]”.

Tal violência é expressa, a nosso ver, na forma de remanejamento das crianças e suas famílias. Sem quaisquer critérios de grupalização social e familiar, suas rotinas e moradias foram brutalmente substituídas. A este respeito relata (E.M.S) de sete anos de idade: “antigamente vivíamos em grupos de vizinhos que se conheciam há muito tempo, agora, perdi a convivência com eles que me acompanhava desde bebe e também de alguns membros de minha família, pois alguns foram para outros RUC’s.”

Percebemos, no relato, que o formato contemporâneo de violência se assemelha ao modelo de violência colonial e neocolonial bastante poderoso no contexto global de “desenvolvimento” multi e

internacional, a despeito dos muitos e variados prejuízos causados às populações locais, incluindo às crianças. Desse modo, as infâncias da cidade de Altamira são marcadas pelas adversidades de um contexto que se caracteriza como novos, mas, não menos nocivos modos de colonização, delineados por um capitalismo que impossibilita a vivência da diferença como complementaridade.

Em decorrência disso, afirma Pinho (2014) que são as crianças que mais sofrem com as mudanças sociais e estruturais que estão acontecendo em Altamira. Elas vêm (re)configurando e alterando o cotidiano e produções infantis a partir da construção de outras formas de grupalização social e familiar. Neste sentido, afirmamos que a influência da cultura e seus artefatos na formação das crianças é realizada pelos mais variados “lugares” e de concepções, pois a construção da infância, primeiramente, ocorre nas suas relações com a família, se intensificando posteriormente na sua trajetória escolar e se completando para algumas, ainda que precoce, com a sua inserção no mundo do trabalho.

Essa posição invariavelmente entende que existe uma realidade interna, mental; e outra externa, institucional, onde o sujeito negocia ou transaciona com as aprendizagens, suas vivências socioculturais. Por isso, entendemos que é preciso investigar como as crianças “pensam”, “negociam” ou “transitam” sua infância de maneira individual ou coletiva nestes novos arranjos socioculturais, denominados Jatobá, São Joaquim, Casa nova, Águas Lindas e Laranjeiras, bairros de reassentamentos urbanos – RUC’s, que hoje são novos territórios para os sujeitos manifestarem em suas narrativas as produções culturais e manifestações infantis o descarte, a transitoriedade, a incerteza e, principalmente, a criação e a destruição do mito da consistência cultural nos processos de formação identitária<sup>3</sup>.

Isso ocorre, segundo Hall (1997), porque a identidade do sujeito passa por uma multiplicidade de usos e abusos, logo não é essencialista nem estruturada como um núcleo estável, imutável; ela é portadora de uma unicidade que se explica por si mesmo. Para as crianças, as atividades cotidianas, seus estilos, suas emoções, suas opções estéticas revelam que elas vivem as suas infâncias descoladas dos padrões tradicionais que se impunham até então, pois as influências dos artefatos culturais as obrigam a constituírem compromissos com outros grupos, mas não de forma duradoura ou permanente.

A partir disso, compreendemos que a infância<sup>4</sup> é multifacetada. Ela tem especificidades e complexidades que ultrapassam o conceito clássico contemporâneo: “romantismo e inocência”<sup>5</sup>

<sup>3</sup> Identidade é entendida aqui, na concepção de Hall (1997), como trajetória de vida dos sujeitos. Como produção sociocultural ao longo da vida dos indivíduos na sua forma ampla.

<sup>4</sup> A noção de infância como devir criança, de acordo com Larrosa (2010), nos escapa: na medida em que inquieta o que sabemos (e inquieta a soberba da nossa vontade de saber), na medida em que suspende o que podemos (e a arrogância da nossa vontade de poder) e na medida em que coloca em questão os lugares que construímos para ela (a presunção da nossa vontade de abarcá-la).

<sup>5</sup> Categorias analíticas refletidas por Aries (1981) acerca das concepções de infância.

atribuído à categoria, especialmente no momento em que o município de Altamira registra mudanças recorrentes, pautadas na lógica capitalista de desenvolvimento (modelo na qual se inscreve a UHE de Belo Monte) que supõe a pretensão de projetar, planificar, homogeneizar e fabricar o futuro, ainda que para isso tenha que reduzir ou destruir a infância com a pretensão de escrever, antecipadamente, a história de um lugar outro, que não considera a singularidade incluída na diversidade das infâncias e suas múltiplas possibilidades, em função das políticas totalitárias próprias das sociedades contemporâneas.

Tais políticas se apresentam na amabilidade da democracia com o uso sistemático do terror ou aparatos metódicos de propaganda (LARROSA, 2010), situação que precisa atenção, pois com a construção da UHE de Belo Monte, o Movimento Xingu Vivo Para Sempre (MXVPS) dimensiona que na área urbana, aproximadamente, 26.406 pessoas foram impactadas pela barragem, e estão sendo remanejadas; do montante, vinte por cento são crianças que estão sendo afetadas, diretamente, em sua rotina de vida, modos de ser e estar (PINHO, 2014). Além disso, o remanejamento e o deslocamento espacial comprometem a cultura, as relações, as redes de apoio e, acima de tudo, afetam os espaços de possibilidades da criação sociocultural que se manifestam nas brincadeiras, nos jogos tracionais, primordiais para o desenvolvimento humano<sup>6</sup>.

Nas vozes das treze crianças participantes desta pesquisa, verificamos que a ludicidade foi impactada na forma, no modo e nos grupos de organização e execução das brincadeiras, pois todos/as relataram que na sua moradia de origem brincavam na rua, de bola, pega-pega, bets, pira-alta, empinar papagaio, nadar nos rio e nos igarapés, polícia-ladrão, peteca e também jogavam bola nos campinhos dos bairros ou em baixo de suas casas. Nos RUC's brincam em casa e sozinhos ou assistem à programação da televisão.

Houve unanimidade em afirmar que elas não gostam muito de brincar no RUC, porque não têm amigos na rua em que moram, segundo o relato de (W.T.L) de dez anos: “aqui é ruim tenho poucos amigos, lá no baixão, no mesmo dia em que cheguei já fui fazendo amizade que não acabou nem depois que saímos de lá”.

Entendemos que a infância foi afetada na sua forma mais ampla: tanto na produção cultural das crianças, quanto em seus modos de socialização e mobilidade, logo nas formas de produzir cultura. Em relação à mobilidade, registramos, neste fragmento, os impactos sofridos pelas crianças, especialmente, no trajeto casa/escola/casa, como afirma (J. S. S) de onze anos em:

não gosto de como vou para a escola, o ônibus é quente e demora muito para chegar. Também é muito corrido para mim, pois tenho que ajudar a mãe no trabalho de casa pela manhã, antigamente ia caminhando com os colegas, agora vou de ônibus, pois ficamos muito longe de tudo.

<sup>6</sup> O conceito de desenvolvimento humano é compreendido aqui no referencial teórico e metodológico de Bronfenbrenner (2011) que entende a produção biopsicossocial do sujeito na sua interação na complexa rede de relações sociais pessoa-ambiente.

Assim como (J.S.S), as treze crianças entrevistadas no URC Jatobá afirmaram não gostar do novo meio de transporte para a escola e ao centro comercial da cidade, pois tais transformações alteraram a sua rotina diária, tais como alimentação, horário de acordar, companhias, dentre outros, como afiança (P. A. S. S) de 12 anos: “como agora vou de ônibus, preciso sair mais cedo e tenho que almoçar sempre apressado, “nunca mais” comi direito”. Quando morava no baixão da rua Anchieta ia de bicicleta, era melhor” (P. A. S. S).

A esse respeito, também registramos o depoimento de (W.T.L) de treze anos que evidencia a alteração em sua rotina, ou seja, no uso do tempo, tanto no deslocamento para a escola quanto no horário de alimentação, como se vê no trecho:

preciso acordar as cinco da manhã para poder estar na parada a tempo; é cansativo e o ônibus está sempre empoeirado, suja a farda. Também chego tarde para o almoço, gostaria de estudar na escola do reassentamento se já estivesse funcionando, mas ainda não está.

Esses relatos nos levam a compreender que a infância não acontece igualmente para todas as crianças brasileiras, pois temos diversas realidades, logo, diversos tipos de infância. Mas, em Altamira, por se tratar de um município interiorano, as crianças geralmente não percebiam tais questões, pois tinham facilidade de locomoção, de horários determinados e rotinas tranquilas. Neste sentido, concordo com Kramer (2007, p. 14), quando afirma que “a infância é [...] determinada historicamente pela modificação nas formas de organização da sociedade”.

Em relação à cultura, Canclini (2000) assevera que ela é a relação mais ampla da atividade humana em sociedade, a cultura envolve hábitos, costumes, valores e práticas sociais generalizadas e acessíveis a quaisquer indivíduos ou grupos sociais, independentemente do acesso à formação educacional ou ao conhecimento erudito, pois os contatos entre os povos e nações aceleram-se cada vez mais intensamente, alterando os modos de vida, costumes, práticas e crenças das comunidades, caracterizando-as como múltiplas.

Especialmente em Altamira, onde as infâncias de maneira especial vivem em um ambiente cheio de signos e significações que povoam o imaginário social das crianças e interferem diretamente em suas produções socioculturais. Neste contexto, a situação é complexa, pois os dados históricos da colonização do município registram uma multiplicidade de culturas que se hibridizam, formando novos processos culturais, primeiramente com o auge da borracha, depois pela construção da Rodovia Transamazônica - BR 230, nos anos de 1970, no governo Médici, que viabilizou e acelerou o fluxo migratório para a região amazônica mais precisamente nas localidades da Transamazônica, onde o capital econômico possibilitou diversos olhares para a região, permitindo também a criação de novas culturas.

Atualmente, essa alteração se dá devido à construção da UHE de Belo Monte que teve seu

debate iniciado em 1980 e foi materializada de fato em 2011. Atualmente, está em plena fase de execução e conclusão, no entanto, registramos que a construção de um empreendimento desta magnitude traz consequências desastrosas para a comunidade local.

Os impactos da construção do Complexo de Belo Monte são de todas as ordens: aumento expressivo do tráfico de drogas, prostituição de crianças e adolescentes, violência, trânsito caótico, além das questões culturais, educacionais e estruturais. Segundo Miléo (2013, p. 162) isso ocorre porque a região é ainda afetada pelo ineficiente desempenho de suas instituições, pois a “presença do Estado se manifesta a partir de estratégias de planejamento de políticas públicas distantes dessas demandadas das populações locais”.

Ineficiência e desrespeito ainda foram detectados nos processos de abordagem, cadastros e reassentamento familiar dos remanejados. Segundo (M. E. A. C) de dez anos,

Uma empresa terceirizada pela Norte Energia fez cadastros no bairro das famílias que seriam remanejadas, no início minha mãe recebia visita de pessoas<sup>7</sup>, que incentivavam as famílias a venderem suas casas para a empresa ou irem para os reassentamentos.

Quase sempre essa era uma estratégia da Norte Energia para aliciar as mulheres, desmobilizar a organização de resistência que já existia no bairro. Várias situações parecidas com essas foram relatadas pelas crianças, vejamos:

Mudança da família para o reassentamento foi feita pela empresa e que eles souberam que iriam mudar ‘em cima da hora’ e conta que tiveram pouco tempo para se organizar (I. G. L. N).

Faltava algo no cadastro de minha família, por isso fomos informados que não teríamos direito a uma casa em um dos reassentamentos, então nos iam indenizar e, assim poderiam comprar uma casa. Mas, o dinheiro era pouco e minha mãe ficou desesperada. Já a minha tia ganhou a casa em que moramos atualmente e vendeu para minha mãe. Minha tia teve que ir até a empresa e dizer que era a sua mudança que estava na casa da irmã para que ela tivesse direito a mudança financiada pela construtora (W.T.L).

Os relatos acima demonstraram falta de comprometimento e sensibilidade com a população local em sua nova forma de vivência familiar e social. Isso, a nosso ver, foi uma violência anunciada que teve início ainda na fase embrionária dos cadastros das famílias e perdurou durante as mudanças e nos assentamentos. Porém, os maiores impactos foram de ordem sociocultural e histórica.

Neste enquadre, inferimos que além do cotidiano infantil ser modificado, a história desses sujeitos foi violentamente (in)visibilizada, pois,

a infância é concebida, de um lado, como categoria social e como categoria da história humana e, nesse sentido, engloba aspectos que afetam também o que temos chamado de adolescência ou juventude. De outro lado, e simultaneamente, a infância é citada como período da história de cada um, que se estende, na nossa sociedade, do nascimento até

---

<sup>7</sup>As pessoas as quais a entrevistada se refere são assistentessociais.

aproximadamente 10 anos. Recentemente, alguns pensadores denunciam o desaparecimento da infância e perguntam de que infância falou, já que a violência contra as crianças e entre elas se tornou uma constante, num contexto onde imagens de pobreza de crianças e trabalho infantil retratam uma situação em que o reino encantado da infância teria chegado ao final. Sei que a pobreza acompanha a história humana marcada pela injustiça social e pela desigualdade, mas contesto a ideia do desaparecimento da infância (KRAMER, 2007, p. 197).

Mesmo no atual cenário altamirense, apesar dos impactos causados à infância. O que identificamos foi que as infâncias em Altamira- PA resultam de vivências e experiências que ganham sentido nas vozes e na memória histórica pessoal e coletiva das crianças. São histórias que misturam real e imaginário, crenças e costumes, falam de sua condição sociocultural. São trajetórias de vidas espalhadas pelos cinco bairros<sup>8</sup> de reassentamentos urbanos, que escondem registros culturais que podem se perder ou extinguir caso não se registre cientificamente suas elucidações.

## CONCLUSÃO

Questões como: quem são essas crianças, de onde vieram, como chegaram aqui, qual sua origem, cultura, cotidiano infantil; como brincavam, estudavam, onde estudavam; como se socializavam como narram suas memórias de infância, vivência familiar, comunitária, foram orientadoras de nossa pesquisa nos RUC's de Altamira, especialmente no Jatobá, local onde as treze crianças ouvidas moram. Essas inquietações evidenciaram a invisibilidade da infância no contexto da Obra da Usina Hidrelétrica – UHE de Belo Monte em Altamira – PA, bem como, apontaram para a nova constituição da infância no contexto cultural da Transamazônica.

Tal assertiva ocorre devido ao nosso entendimento de que as crianças contam a história de infâncias com emoções fabulosas, com cheiro, gosto, prazer, movimento, alegria. Lembrança de banhos de rio, juntamente, com amigos da moradia de origem, dos jogos de bola na rua e das brincadeiras tradicionais que se perderam no tempo (ou se reconfiguraram e ou se adaptaram), porque quase não vemos mais em função da falta de redes de apoio, políticas de atendimento aos novos bairros, tais como: locais adequados e o fator mais importante, a desorganização territorial das crianças<sup>9</sup>.

A relação de estranhamento que tem com o brinquedo diferencia as crianças remanejadas das demais. Isso porque a sua situação social desobriga do apego ao objeto em si, o que marcam são as brincadeiras tradicionais<sup>10</sup> de rua e as múltiplas produções culturais. Essas sim se tornaram inesquecíveis. Essas produções culturais acontecem de maneiras distintas pelas cidades brasileiras, pois o instrumento mediador que os diferem (objeto do brincar) e da produção cultural, algumas vezes

<sup>8</sup>Jatobá, Água Azul, São Joaquim, Casa Nova e Laranjeiras.

<sup>9</sup> Definimos como desorganização territorial o deslocamento dos grupos familiares e grupais.

<sup>10</sup>Kramer (2007) definem estas brincadeiras, como àquelas transmitidas de geração a geração, e fazem parte do patrimônio cultural infantil. Elas ainda desenvolvem a socialização, proporcionam as primeiras noções de regras e limites entre os participantes.

é construído com materiais alternativos, exemplo é o brinquedo-ponte, que é o brinquedo do brinquedo, a réplica do brinquedo industrializado.

Essa particularidade nos levou a afirmar que a constituição identitária e as culturas infantis das crianças em Altamira-PA são reflexos de vários fatores históricos, dentre eles a migração compulsória e oficial durante a construção da Transamazônica nos anos de 1970 e atualmente a construção da UHE de Belo Monte. Esta última interferiu sobremaneira nos modos de produção sociocultural das crianças, bem como em sua vivência, experiência, criatividade e plasticidade de infância altamirense.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Laura Maria Silva Araujo. (Org.). **Educação infantil e estudos da infância na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2007.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro. Guanabara. 1981.

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michael Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CANCLINI, N. G. **Cultura híbrida: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto Alegre, 1997.

DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do outro**. Petrópolis: Vozes, 1993.

DEMARTINI, P. Contribuições da sociologia da infância: focando o olhar. Florianópolis: **Revista Zero-a-seis**, v.4, n.6, 2001. Disponível em <<http://www.ced.ufsc.br/~zeroseis/artigos6.html>>. Acesso em março, 2015.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

KRAMER, S.; LEITE, M. I. (Org.). **Infância e produção cultural**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

KRAMER, S.; LEITE, M. I. A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, J. et al. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 13-23.

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Porto Alegre: Contrabando, 2010.

LOUREIRO, J. J. P. **A cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém-Pará: Cejup, 1995.

MILÉO, Irlanda do Socorro de Oliveira. **Sistemas Municipais de Ensino e o Instituto Ayrton Senna na Amazônia Paraense**. 2013. Tese (Doutorado)- Programa de pós - graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013.

PINHO, V. A. P. Fatores de proteção e risco no contexto da grande obra de UHE de Belo Monte: analisa os impactos socioambientais e culturais na formação de criança e adolescente de famílias remanejadas. 2014. Projeto de Pesquisa - Universidade Federal do Pará, 2014.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto. Apresentação: infâncias e crianças visíveis. In: VASCONCELLOS Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto. **Infância (in) visível**. (Org.). Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.

Recebido em: 19/10/2016  
Aprovado em: 20/12/2016